

plástico bolha

poesia agora

Marulho

Do tempo receber os dias: o rosto lavado,
a maquiagem pronta, a camisa abotoada.
Ser ainda capaz de um verso sem suspeita.
Confiar ainda, uma vez mais, na imagem que te delata:
das mãos perceber a pedra, banhada ainda pelo mar
(as mãos que dançam em gesto simples, dedilham caracteres).
Tecer pronúncias, ouvir o ritmo — o pulso insurgente de cada palavra.
Conter o mar.

Paloma Roriz Espínola

DESTAQUES

COLUNA ORÁCULO POR MIRIAM SUTTER

DOBRADINHA POÉTICA ENTRE
ALICE SANT'ANNA E GREGÓRIO DUVIVIER

MARIA BETHÂNIA GUERREIRA GUERRILHA
NA COLUNA DE MAURO FERREIRA

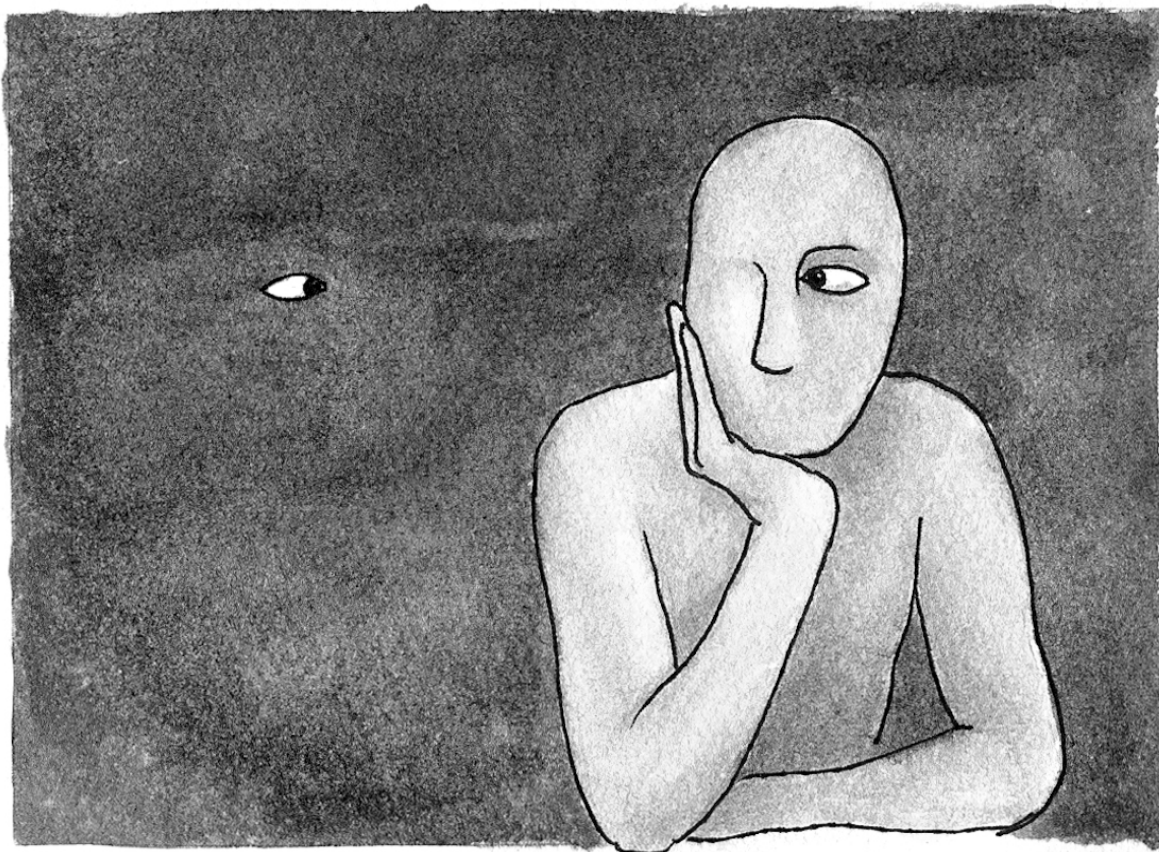
O HORROR DA DITADURA REVISITADO
PELOS POEMAS DO DESAFIO POÉTICO

ILUSTRAÇÕES DE VIDY DESCAYES, ANGELO ABU,
PEDRO ZYLBERSZTAJN E RAÍSSA DEGOES

CONTOS DE ZÉ MCGILL, CACAU VILARDO
E CARLOS MEIJUEIRO

POEMAS DE EUCANAÃ FERRAZ, THIAGO GALLEGÓ,
ADIRON MARCOS, DANIEL GRANATO,
MARCOS BASSINI, MARCELA SPERANDIO ROSA,
SANTIAGO PERLINGEIRO, LUIZA PROVEDEL,
ALEXANDRE BRUNO TINELLI, GUILHERME OTTONI,
GUILHERME COSTA, YASMIN NARIYOSHI,
RENATO AUGUSTO FARIAS DE CARVALHO,
IDJAHURE KADIWEL, VINICIUS VARELA,
YASSU NOGUCHI, MARCIO RUFINO, CATARINA LINS,
FREDERICO BARBOSA, ENTRE OUTROS





Vidi Descaves

22.3.13

Bem-vindos a mais uma edição do jornal Plástico Bolha! Este espaço suspenso onde encontramos — os mais improváveis — tornam-se possíveis. Poetas debutantes e consagrados comungam, página a página, o mesmo amor pelas palavras, sentimento que atravessou os últimos dez anos, os últimos trinta e cinco números, e repousa um pouco aqui, nesta trigésima sexta edição. Agora você, querido leitor, está convidado a desfrutar do resultado deste trabalho: uma coletânea de poemas, prosas poéticas, ensaios e imagens que fazem o tempo parar.

EDIÇÃO Lucas Viriato | João Pedro Moura A. Fernandes | Alexandre Bruno Tinelli

CONSELHO EDITORIAL Augusto Guimaraens Cavalcanti | Marilena Moraes

DIAGRAMAÇÃO Lucas Viriato | Mariana Castro Dias

REVISÃO Marilena Moraes

EQUIPE Rodrigo Leite Pinto | Catarina Lins | Yassu Noguchi

WEBDESIGN Henrique Silveira

EDIÇÃO de abril de 2015 - sem validade determinada

DISTRIBUIÇÃO Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, Bahia, Piauí, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Distrito Federal.

TIRAGEM 13.000 | IMPRESSO na ZM Notícias

ISSN: 2318-972X

Envie seus textos através do nosso site jornalplasticobolha.com.br ••••• isto não é um guia de
ANUNCIE NO PLÁSTICO BOLHA contato@jornalplasticobolha.com.br ••••• consumo cultural

Distribua o Plástico Bolha

Você tem atitude poética e gostaria de se tornar um distribuidor do jornal Plástico Bolha em sua cidade? Procuramos parceiros que tenham este perfil para levar o nosso fanzine literário até os cantos mais escondidos, as quebradas mais inusitadas. Entre em contato conosco pelo e-mail e ofereça um pouco da nossa poesia para aqueles que estão perto de você!

P.P.H.B.P.P. no P.B.

O Prêmio Paulo Henriques Britto de Prosa e Poesia, parceiro do Plástico Bolha, ocorre todo ano, na PUC-Rio. Os textos vencedores, em ambas as categorias (prosa e poesia), são publicados pelo jornal. Diversos textos desta edição e das anteriores foram premiados pelo concurso.

Participe você também

O jornal Plástico Bolha é todo feito de material colaborativo. Para esta edição, escolhemos entre centenas de poemas e contos enviados através do site. Se você não foi escolhido ainda, não fique triste: já estamos recolhendo material para a próxima edição - e para a próxima e para a próxima. Não se esqueça do blog, outro espaço dedicado exclusivamente a colaboradores e que também publica materiais inéditos, os quais, por questão de espaço, não cabem na edição impressa.

Ajude o Plástico Bolha

DOAR COM



Por um saíra-de-sete-cores

se um passarinho entra pela sua janela
voo errante, agitado
em expressão multicolorida
olhar tão curioso, inquieto;
apesar do receio de
envolvê-lo na palma,
em socorro
não pegues pela cauda
— mesmo sutil toque
as penas soltas mostram
a fragilidade da criaturinha;
e a pena, frágil, é a mesma
que seu pio, tão miudamente profundo,
faz sentir,
e ressoa numa lágrima
tão bruta

Idjahure Kadiwel

live in. Meilles imprimées, réunies en volume.
Division d'un ouvrage. 1. Momento de diverte
pays. Poids de 500 grammes.

Pedro Zylbersztajn

A outra parte

Saudades de não te amar.
Os dias eram mais leves
e fáceis de carregar.
Não levava como agora
livros livros e mais livros
que crescem como cabelos
nos edifícios nas ruas
rompem mapas indefesos
prosperam pelos países
mudados em bibliotecas.
Nada posso contra eles
orquídeas doidas daninhas
plantadas em minhas unhas
à roda de meus joelhos.
Contra livros que fazer?
Fogueira polícia faca?
Nada podem contra eles
quando são epidemia.
Saudades de não te amar.
Não havia enciclopédias
fascículos dicionários
pelas calçadas nos túneis
subindo pelas encostas
dos morros pelas escarpas
da praia na madrugada
dos bairros nos condomínios
entulhando elevadores
interrompendo as escadas.
Saudades de não te amar.
Tudo era muito mais fácil.
Havia menos poemas.

Eucanaã Ferraz

Um teste

ontem à noite comecei a ler o livro novo da marília garcia
um teste de resistores
comecei a ler pelo último poema
a poesia é uma forma de resistores?
comecei a ler pelo último poema porque já tinha ouvido uma versão dele
lida pela marília na casa de leitura dirce côrtes
no humaitá
e tinha vontade de ouvir de novo
acontece que quando li o último poema
a poesia é uma forma de resistores?
não era a minha voz na minha cabeça
que lia o poema
era a voz da marília nos encontros
da casa de leitura dirce côrtes
e hoje no ônibus quando comecei o primeiro
poema e o que vem logo depois dele
ainda era a voz da marília na minha cabeça
fiquei fascinado pela ideia de ler com uma voz e um ritmo
tão diferentes do meu
fiquei fascinado e imaginei que todo o livro seria isso

desci do ônibus pensando com aquele ritmo aquela voz e escrevendo com eles
também
passei o dia assim

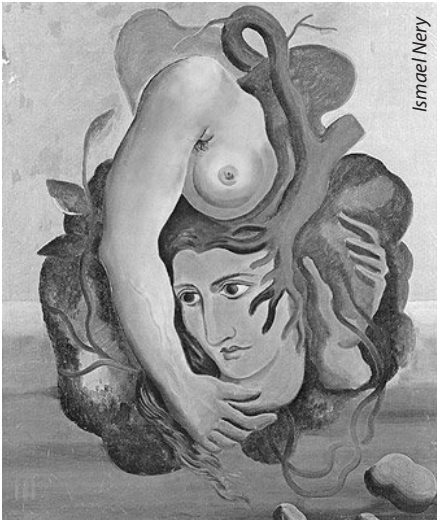
ao contrário do que eu esperava
conforme avançava
no anfiteatro da puc
em outros dois ônibus
a voz na minha cabeça foi se tornando um híbrido
entre a da marília e a minha
ora era como eu e quase só eu
lendo
ora era a marília
mas na maior parte
um dueto

escrevo com algum medo de que soe uma tentativa
de imitar texto tão vivo
ainda assim escrevo
num híbrido algo tosco
de vozes
porque acho bonito
muito bonito
quando uma coisa dessas
um ataque direto do poema no corpo
feito bactéria
acontece

Thiago Gallego

Sermão da Sexagésima

(Pregado por São Mármaro a uma plateia de peixes-boi no igarapé nº 612 do rio Amazonas. Pra Augusto Guimaraens Cavalcanti. À memória de Ismael Nery)



Nos túmbaros des-Zabelês
que são toda mortícia Canalha a fulustrear
lá desde o senadão Roncôlho,
Brasília mais nas carrancas
caga redondo uns Furuncos____
país que a gente mais Desconhece.

E nossos índios Desvivem
descatembrados de seus quatis e maracas,
almas sendo Vendidas
nos furdunços da bovespa como ele Renato
antecipara em fagulheiras do Aborto____

e desde sempre quantos leiteiros Matados,
quantos josés indo pros Quintos
ver Amarildos (nunca manguantes
daquele sono em gaveta do são-jão-batista)

pra não falar nos erês
lá de Quintino e Mesquita
e Corte Oito e Pavuna
e Curicica e Gramacho
e Taquaral, Mato Alto,
sempre entupindo a barca dele Caronte____

são túmbaros des-Zabelês mais rinchavelhos de Assombro,
vindos de lá do planalto num cagalhão Ressumbrário
de ter ajêito
mais nunca de Núncaras.

Adiron Marcos

sobre a chuva

chove

farra de mosquitos brincando em meu quarto

refugiados de uma guerra aquática e de ventos desvairados

lá fora

e aqui desse lado da janela

tudo borra-se como um transformador de matéria esponjosa

embaça a visão

e meus 70% de água confundem-se

em milímetros de escassez ou profusão de sentimentos

o nítido torna-se vago

o corpo, lasso

tento respirar aqui de meu escafandro

minha pele desfaz-se

com as gotas que nada aspiram

além

de

cair

como se ordem suprema as ordenasse

que chover nas plantas

ou furar o bloqueio do vidro

missão de vida ou morte fosse

de qualquer suma importância

acho graça

do canto da boca, um traço

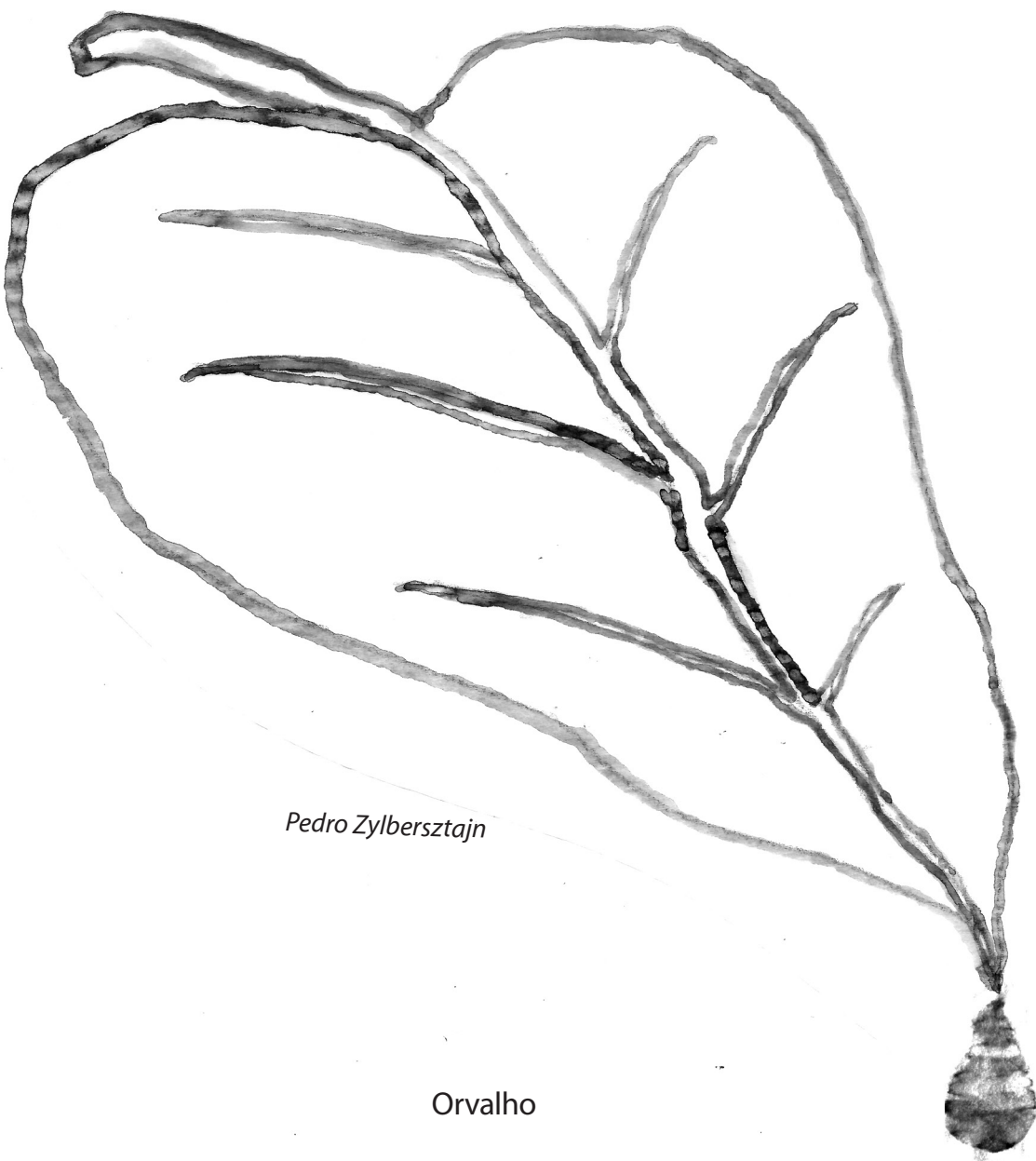
a chuva intermitente me faz contente

acolhido, aprecio

e, talvez, quem sabe

ganhe o embate.

Daniel Granato



Pedro Zylbersztajn

Orvalho

Nada melhor

que uma manhã nublada

de domingo

de madrugada chuvosa.

Folhas com restos d'água

molham o papel:

gozo que escorre lento

pelas pernas e pelos — fel.

Marcela Sperandio Rosa

Ode à loucura

Ver tua mãe aturdida em pranto ao chão,
Com seus olhos vazios, encharcados
Pela álgida e triste constatação
De ter aquele seu filhinho amado

Entre estilhaços que lhe cortarão...
Com os pulsos em sangue e decepados,
Pois agora tem pensamentos vãos,
No hospício neste momento internado...

Não me consoles nem me digas nada!
Tu não hás de compreender como é
Ter a noite infinda em plena alvorada!

Morte: descendo da cabeça ao pé!
Ter o sangue escorrendo pela espada
E a psicose inumando minha fé!

Guilherme Ottoni

3 desejos + 1

queria ser modesto
mas não sou tão importante

queria ser discreto
mas ninguém reconheceria

queria ser excêntrico
mas não tenho tanto talento

queria ser injustiçado

Marcos Bassini

NOTAS NO PLÁSTICO

por MAURO FERREIRA

Poesia inflamada sobre Bethânia arde em bela reedição de livro guerreiro



É o travo nos dentes
Guerreira
É o trevo das coxas
Guerrilha
É o grito no canto
Guerreira
É o canto de guerra
Guerrilha
É o roxo acalanto
Guerreira
É o perdão de joelho
Guerrilha

O trecho do poema polifônico *Maria Bethânia Guerreira Guerrilha* indica o ponto de fervura com que o poeta Reynaldo Jardim (1926 - 2011) escreveu os versos editados em livro lançado originalmente em 28 de novembro de 1968, duas semanas antes da promulgação do *Ato Institucional nº 5*. Até então título de colecionador, disputado a tapas e preços exorbitantes em sebos, o livro-poema está de volta à cena em reedição luxuosa produzida sob a organização de Marcio Debelian e Ramon Mello. Subversivo no conteúdo e na forma (Jardim transpôs o conceito musical de polifonia para o universo da poesia ao estruturar seus versos inflamados com fontes, sonoridades e tempos diversos), o longo poema *Maria Bethânia Guerreira Guerrilha* ocupa todo o livro original e, por si só, já justifica a reposição em catálogo desse livro perseguido pela censura dos anos mais rebeldes do regime militar instaurado à força no Brasil em 1964. Inspirado pela histórica interpretação de *Carcará* (João do Vale e José Cândido) apresentada por Bethânia no espetáculo *Opinião* em 1965, Jardim concebeu poema em chamas que traduz a incendiária força dramática do canto da intérprete ao mesmo tempo em que espalha as labaredas do inconformismo dos mais valentes contra a mordida oficial que asfixiava as liberdades — sobretudo a de expressão — naquele ano de 1968, que parece não ter terminado a julgar pela repressão e pelo patrulhamento ainda detectados no Brasil de hoje. Talvez por isso o livro de Jardim tenha tido sua primeira edição destruída em sua quase totalidade pelo regime opressor da época. Através de Bethânia, rotulada à revelia como *cantora de protesto* por conta do voo alto de seu *Carcará*, Jardim fez ressoar pela poesia o seu canto de guerra. Os versos incandescentes de *Maria Bethânia Guerreira Guerrilha* ainda queimam a língua de quem se curva face aos podres poderes, mas aquecem a alma dos que se levantam contra os desmandos, dos que se jogam sem rede de proteção. Altiava desde sempre, Maria Bethânia jamais se curvou, impondo desde sempre a personalidade forte de seu canto e de sua alma embebida em teatro e poesia — traço que fica nítido na leitura do caloroso perfil sobre a intérprete, publicado na revista *Visão* de 30 de novembro de 1967 e reproduzido na reedição de *Maria Bethânia Guerreira Guerrilha* ao lado de artigo do jornal *O Sol* sobre a cantora, de depoimento de Jardim sobre a saga heroica do livro — fala transcrita do curta-metragem *Profana Via Sacra* (Alisson Sbrana, 2010) — e da partitura de *Gaivota*, tema musicado por Lourdes Ábido a partir de alguns versos do poema que ora volta à cena, quase tão ardente quanto naquele inflamado ano de 1968, nesta oportuna reedição do guerreiro livro.

Confira mais textos em blognotasmusicais.blogspot.com

Manifesto

Vamos
Vamos subir na copa das árvores
Correr pelo campus
Invadir salas
Invadir o departamento!
Vamos perdurar cartazes
E gritar, para todos ouvirem
O nosso brado bárbaro
Ressoando pelos corredores:
QUEREMOS LITERATURA!
Onde está a Literatura?
É preciso haver Literatura!

Mas o aluno de Letras não sabe o que é Literatura.

O aluno de Letras pode
— se é que pode —
Explicar todo o programa minimalista do Chomsky,
Mas diz que não entende
As peças do Shakespeare.

O aluno de Letras tem pavor
Dos Lusíadas
Acha Machado de Assis
Muito velho
E Mário de Andrade
Moderno demais.

O aluno de Letras
Se forma em Literatura
Em Português e Inglês
Mas não sabe quem foi
John Milton
Nunca leu
Virginia Woolf
E não sabe bem por quê, mas tem pavor
De Joyce e de Chaucer.

— Mas nós não somos isso,
Não é verdade?
Batemos o punho na mesa
E dizemos veementemente
O problema está no currículo,
No departamento, nos professores.
O problema, o problema, o problema.
O problema nunca somos nós.

Pois, então, vamos
Vamos revolucionar a academia
Por que não?
Afinal, se não formos nós,
Quem?

Vamos
Dizer o que a gente acha
Vamos
Organizar a nossa proposta
Vamos
Reivindicar nosso direito
De estudar
O que a gente gosta.

Mas o aluno de Letras não lê.
O aluno de Letras sequer vai ler este manifesto.
Nada vai mudar.
Marquem as minhas palavras,
Isto aqui não vai dar em nada.

Luiza Provedel



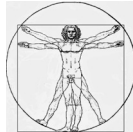
lec
cursos & consultoria

Linguagem Educação Cultura

Shakespeare e seu Teatro | Business Communication
Aproximações entre Arte, Educação e Clínica
História da Música | Cinema, Literatura e Psicanálise
Desafios da Inclusão | Workshop de Joalheria Expandida
Oficina Literária | Oficina de Prosa Narrativa
Oficina de Mandalas | Usando o Computador sem Medo

Av. Ataulfo de Paiva, 1079 sala 408 - Edifício Vitrine do Leblon | Tel. 3251-4874; 3251-4871
lec@leccursos.com.br | www.leccursos.com.br

LIVRARIA
Leonardo da Vinci
Desde 1952



www.leonardodavinci.com.br
Av. Rio Branco, 185 – Subsolo – Ed. Marquês do Herval
Centro – Rio de Janeiro/RJ Tel.: (21) 2533-2237

A alcoviteira

Avistei a estância. As luzes estavam apagadas. Eu havia caminhado muito para chegar até lá. A estrada, intrincada, acabara. Agora, faltava pouco. Bastava eu andar por uma trilha que serpenteava até a varanda. Tirei os sapatos, como haviam me dito. Meus pés, descalços, pisaram sobre as folhas que pareciam me impulsionar até o meu destino. Toda a dificuldade, que antes me fizera pensar em recuar, agora se esvaecia.

Uma luz foi acesa dentro da casa. Devia ser ela. Provavelmente ouvira meus passos. Já tinham me avisado que seria assim. E me falaram mais. Caso a luz fosse apagada, era para eu recuar. Contudo, se outras luzes acendessem, eu poderia prosseguir. No silêncio crepuscular, as batidas de meu coração tamboreavam meus ouvidos. Enquanto meus olhos, presos ao cenário à frente, esperavam por um sinal.

Outra luz acendeu. Depois outra. E mais outra. Era para eu seguir em frente. Andei até sentir meus pés tocarem a madeira do piso da varanda. Então, a porta foi aberta e ela apareceu. Era uma mulher de mais idade. Magra. Alta. Pele alva. Cabelos e olhos negros. Aqueles eram volumosos; estes, penetrantes. Apenas com um gesto, ela me convidou para entrar. Eu segui sua indicação.

Dentro da casa, havia livros que cobriam todas as paredes, do chão ao teto. Também já tinham me avisado sobre isso. Eu só não imaginara que fossem tantos. Dava para ver, mesmo nos cômodos apagados, a sombra das obras nas estantes. Os livros, de cores e tamanhos diferentes, decoravam as paredes da casa.

— Sou compulsiva por histórias, como você já deve saber.

Sim, eu sabia. E era por isso que eu estava ali. Sua sabedoria a fizera conhecer as pessoas como ninguém. E, sendo assim, sabia, melhor do que outrem, escolher os pares. Eu era mais uma alma solitária à procura de uma companhia. O preço? Ela possuiria a minha história. E isso, depois, eu não poderia reclamar.

— Com certeza você já conhece as regras. Trouxe as folhas em branco?

Sim, eu as levava. As mil e uma páginas virgens. Entreguei a ela aquele bloco como quem selava um contrato. Falava só a sua pergunta.

— O que busca nesse ser que tanto quer conhecer? Ele é ele? Ou ele é ela? Disso, eu preciso saber.

Amor. Somente amor era o que eu esperava. Queria ser amada por um homem.

— Volte para casa. Antes do adeus da lua, ele irá aparecer.

E assim eu voltei pelo mesmo caminho que agora não me parecia tão custoso. Já em casa, coloquei o meu melhor vestido. Branco. De cambraia bordada. E deitei-me com a janela aberta. O céu, aos poucos, foi coberto por uma cortina de nuvens cinza que rapidamente esconderam a luz do luar. Somente os raios brilhavam naquela escuridão. Levantei-me para fechar as janelas da casa, antes que a chuva comesse. Foi então que ouvi umas batidas à porta. Quando a abri, um homem me pediu para que eu lhe desse abrigo durante aquela noite, já que não conseguiria chegar ao seu destino com a tempestade que se formava.

— Por favor, entre.

Peguei alguns gravetos para acender a lareira. Ambos precisávamos de fogo para aquecer o nosso frio. E ele, gentilmente, ofereceu-se para a tarefa enquanto eu fui preparar um café.

Depois daquela noite, perdi as contas de quantos cafés preparei para nós dois. E de quantas lareiras o homem acendeu. Ele gostava de observar a madeira queimar, enquanto lembrava o dia em que nos conhecemos. Mencionava o destino como responsável pelo nosso encontro. Não desconfiava da armação. Quando pedia minha opinião, eu me calava. Justificava a minha atitude dizendo que gostava de ouvir suas versões. E ele continuava devaneando sobre o nosso encontro. Enquanto eu, taciturna, guardava o segredo daquela que o trouxera para mim. Fazia parte do contrato ele nunca saber da mulher que o fez me amar.

A cada dia, seu sentimento por mim tornava-se maior. Ao passo que eu sentia um vazio. Eu não o amava. No início, eu até me divertia com suas histórias, porém, depois, elas foram me cansando. Pareciam sempre iguais.

Sendo assim, eu resolvi voltar à casa da mulher. As luzes acenderam e ela, novamente, recebeu-me. Conteí sobre a minha insatisfação. Supliquei-lhe que desfizesse o meu contrato. Só que isso era impossível. Não havia volta. Implorei, então, que ela atendesse a outro desejo, em que outro homem surgisse para que eu o amasse. Ela me preveniu que aquele seria o meu último pedido. E, sem mais avisos, cedeu à minha solicitação. Fez um novo contrato. E eu lhe entreguei mais mil e uma folhas em branco.

Já no caminho de volta, eu corri, envolvida em uma aura de ansiedade, para chegar logo a casa e colocar o meu vestido branco de cambraia. Já imaginava a tempestade se formando, e o segundo homem batendo à minha porta. Mas o que eu faria com o primeiro? Imbuída em meus pensamentos, tropecei em um tronco atravessado na estrada. E torci o meu tornozelo. Um homem apareceu para me socorrer. Carregou-me em seus braços até a minha casa. Eu mal conseguia piscar de tão encantada com sua beleza. Mal conseguia respirar de tão embriagada com seu cheiro. Com certeza ele era o segundo e ele percebera o meu interesse.

Durante os dias seguintes, meus pensamentos eram todos sobre o segundo homem. Não conseguia realizar minhas tarefas. Pouco comia. Mal ouvia o que o primeiro tinha a dizer. Mal o olhava. Sonhava com o segundo quando estava dormindo; e, também, acordada. Alguns dias depois, logo após o primeiro sair de casa para trabalhar, o segundo apareceu. Queria saber se eu havia melhorado. Minha alma se encheu de alegria. Em meu rosto, um sorriso apaixonado surgiu. Ele percebera o meu interesse e o retribuiu. O encontro não foi como eu sonhara - nem dormindo, nem acordada -, mas eu não me importei. Continuei desejando aquele homem, o segundo. Só que ele não apareceu mais. Nada de notícias suas. E eu sofri. Durante dias e noites, afundei-me em prantos.

O primeiro homem deixou de trabalhar para cuidar de mim. Estava preocupado com meu martírio. Até que um dia, a verdade brotou em minhas palavras, eu disse a ele que amava outro. Pedi, inclusive, que partisse de forma que me deixasse livre para o segundo. E ele se foi. Seguiu com seu corpo lânguido o desejo da mulher que amava.

Assim, talvez, o outro me visitasse mais. Talvez até aceitasse morar comigo. Ocupar o lugar do primeiro. Eu poderia tratá-lo como um rei. Fazer sua comida, lavar suas roupas, engraxar seus sapatos. Esses eram meus novos desejos

que acabaram se tornando realidade. O segundo homem reapareceu e passou a viver comigo.

Muitas foram as noites em que ele chegou à minha casa com o cheiro de outra mulher. Eu sofri calada e aceitei as condições cruéis. Tudo em nome do meu amor. Até que um dia, ele também se foi. Não atendeu ao meu pedido para que ficasse. Percebi que ele não me amava, portanto, não me ouvira.

Com dificuldades, voltei à casa da mulher. E, mais uma vez, eu vi as luzes acenderem. Joguei-me em seus braços e implorei que me ajudasse. Ela me disse que não tinha mais o que fazer, além de que sentia muito pelo meu sofrimento. Lembrou-me que havia realizado o que eu pedira. E me deixou sozinha na varanda. Eu não queria voltar para casa. Não tinha forças. Deitei-me no chão e adormeci. Acordei com a mulher em frente a mim. Ela segurava uma vassoura.

— Se quer ficar aqui, vai ter que trabalhar. Em troca, dou-lhe casa e leitura.

Os anos foram passando. Algumas pessoas apareceram com outros pedidos. Selaram seus contratos de desejos. Enquanto eu arrumava a casa, tirava o pó dos livros e os lia.

Um dia, ouvi uma voz me chamar. Era a mulher. Estava fraca. Pediu-me para subir. Para ir até o seu quarto. Recinto, até então, proibido para mim. Quando lá entrei, vi as folhas que tantas pessoas trouxeram. Só que não estavam em branco. Estavam escritas. Cheias de histórias. A mulher pediu que eu me aproximasse.

— Está chegando a minha hora. Eu preciso de alguém que continue o meu trabalho e eu só tenho você.

Assim que ela se foi, eu fiquei na companhia das suas narrativas. Li todas. E reli algumas, as que eu mais gostava. Durante as minhas noites solitárias, passei a preencher as páginas em branco da minha imaginação com uma história:

Eu ouvia passos amassando as folhas do lado de fora. Eu ia até a janela. Percebia um homem se aproximar. Eu descia pelas escadas usando meu vestido de cambraia, todo branco. Acendia as luzes, uma a uma. Quando eu chegava à varanda, lá estava ele. Nossos olhares, cruzados, mal piscavam. Ele não esperava por alguém tão nova. Eu não esperava por um homem. Ele parecia confuso e falava primeiro. Procuo pela alcoviteira, ela está? Eu abria um enorme sorriso. Ele sorria também. Meus olhos liam seus desejos. Ele sonhava com uma mulher dotada de sabedoria. Eu o convidava a entrar. Pegava as folhas, as mil e uma, de sua mão. E as lançava ao vento. As folhas voavam, subiam cada vez mais alto. Lá embaixo, eu ficava a espreitá-las, até perdê-las de vista. Depois, nós dois entrávamos.

Nesse momento de minha criação, eu dormia. E sonhava. A cada noite, uma continuação diferente para a minha história. Mas sempre com ele. Até que um dia, eu sonhei e não acordei mais. Eu ouvi passos sobre as folhas do lado de fora. Fui até a janela. Percebi alguém se aproximar. Desci pelas escadas. Acendi as luzes. Uma a uma. Cheguei à varanda. Não havia ninguém. Só folhas. Muitas. Que dançavam com o vento. Eu passei entre elas. E um caminho se abriu à minha frente. Imaginei, lá no fim, encontrar o homem dos meus sonhos. Aquele que iria me amar e ser amado por mim. Segui em frente, com pés descalços. E com meu vestido de cambraia. Amarelado.

Cacau Vilardo

Knaus 11:11

porque sempre que chegas derramo o café
e meu barco de madeira cai da estante
quando escondo tudo
pra que não leias nada
do que tenho escrito

parece —
que o capitão haddock já se cansou de ser de plástico
e te detesta tanto quanto eu agora

mas se te detesto tanto
por que passo o tempo todo pensando
precisamente sobre isso?

it seems they were all cheated of some marvelous experience
which is not going to go wasted on me
which is why i'm telling you about

as cascas de pistache
a luz neon do posto
e o tempo que certas têmporas perfeitamente concha-acústicas levam tentando decidir se deveriam ou não

entrar,
dormir no sofá
ou se mudar pra berlim

aposto —
que faríamos sucesso tocando dominguinhos
e a medida obsoleta das verstras,
idem.

Catarina Lins

Pauliceia interditada

para viver na cidade
é preciso
moldar a moda
e zerar a reza

por isso
transito na eternidade
vestindo a calma
ao pregar a pressa

Yasmin Nariyoshi

ETTORE
CUCINA ITALIANA

PÃES ANTEPASTOS MASSAS MOLHOS
PIZZAS SALGADOS DOCES TORTAS

www.ettore.com.br | [@EttoreCucinaIT](https://www.instagram.com/EttoreCucinaIT) | [facebook.com/ettorecucinaitaliana](https://www.facebook.com/ettorecucinaitaliana)

Av. Armando Lombardi, 800 - lojas C/D/E Condado de Cascais, Barra da Tijuca - Tel.: 2493-5611 / 2493-8939
Av. Vice Presidente José Alencar, 1350 - loja F - Cidade Jardim - Tel.: 2512-2226 / 2540-0036

DESAFIO POÉTICO

A ditadura cala, a ditadura tortura, a ditadura mata. Completados os 50 anos do golpe militar no Brasil, o Plástico Bolha e seus leitores-colaboradores estão aqui para tudo, menos para se unir ao coro de insensatos que pedem a volta a um sombrio passado.

cela escura, agulha na unha
descargas elétricas
sangue, suor e lágrimas
não falo, não falo, não falo
um engravatado observa à distância
os desatinos da barbárie humana
— uma súbita ereção

Nicole O'Hara

Poderiam ter sido
suas,
tão somente suas:
bocas, descargas, combustão, gás
e as arrancadas
unhas.

Poderiam ter sobrevivido
nuas,
violentamente nuas,
estupradas por instrumentos mais
cruéis do que
supunhas.

Poderiam ter ido
às ruas,
esboçado um país pelas ruas,
de “calças vermelhas e casacos de generais”
onde seriam talvez, carrascos, réus ou
testemunhas.

Ricardo Sergio Albuquerque

A ditadura colocou a luminária perto da cabeça
Assim o rosto de qualquer um pareceu suspeito
Tem a forma de uma letra de máquina de escrever
Tem cheiro de poeira, de processo arquivado
Tem cheiro de assoalho de madeira
De carpete pregado no chão
De terno passado
De mutirão
A ditadura tem cor de preto e branco na fotografia
Que torna mais branco o branco e mais preto o preto
Quem é vilão vive na vila. Não mora no castelo
Tantas cores vivas que na foto não saíram
O sangue era mais vivo
Na cena do crime
Bonita foto
Regime
A ditadura tem um jeito de menina do interior
A ditadura tem um laço no cabelo
Vestido que alcança a curvatura do joelho
Longos salmos decorados de cabeça
Quando instigada não opina
Prefere ficar calada
Cão que morde
Não ladra.

Augusto Seixas

História ingrata

Gerações de revolucionários
que a história desconhece o nome.
Mártires cujo sangue alimentou
a revolta, mas logo secou.
O ciclo se repetindo:
as bandeiras queimadas, as perseguições,
os tiros e as prisões.
Terão dado enterro justo
àqueles que lutaram por nós?
Filhos da esperança,
alvorada da melhoria,
quem consolou suas mães?
Chorou por eles sua pátria?
Na montanha de corpos,
uma bandeira ainda tremula.
Anônimos morrem os guerreiros.
Para eles não restou glória
e, para nós, ficou a vergonha e a infâmia.

Vinicius Varela

Ditadura

exterior mínimo
exílio
exército exímio
extermínio

Yassu Noguchi

DESAFIO POÉTICO DAS VOGAIS

Na edição número 24 do Plástico Bolha, em que o desafio era não utilizar a letra A, textos incríveis chegaram a nós - embora muitos tenham reclamado da dificuldade para driblar a abundante letra A. Dessa vez, decidimos expandir a proposta: quatro desafios de uma vez! Intimamos nossos incansáveis leitores a escreverem e enviarem poemas sem E, I, O ou U. Não queremos ninguém deixando de enviar por colapso de indecisão: se você não consegue evitar o E, tente fugir do I, e assim por diante. Envie seu desafio poético para jornalplasticobolha@gmail.com.

Acordei toda encolhida, como se as partes do corpo quisessem virar uma coisa só. Apertei forte a barriga querendo abortar essa paixão. Em vão. Ainda era noite, procurei o copo d'água no criado mudo e não achei. Estava toda seca e toda molhada ao mesmo tempo. Com sedes. Tateando no escuro achei o celular. Respondi a mensagem dramática da noite anterior: Estou apaixonada, foda-se o teu medo. Quis apagar enquanto carregava, mas logo apareceu o sinal de enviado. Me senti uma grande burra, enfiei a cara no travesseiro, gritei, apertei e mordi. Como a gente pode querer tanto alguém que te faz perder a fome por um minuto? Eu lia e relia aquela merda de mensagem. Tinha raiva dele, e tinha raiva de mim. Ele não tem culpa de existir, e eu não tenho culpa de sentir, e vice-versa. Pensei em mandar outra dizendo que estava bêbada, e pedindo desculpa, pra em seguida ter certeza que jamais faria isso. Meus dedos roçavam nas teclas do Motorola antigo. Eu ficava escrevendo o pequeno nome dele na tela, pensando no que digitar. Lembrei de um dia, depois que a gente já tinha se conhecido, ficado e transado, numa rua aqui perto de casa. Estávamos dentro de uma loja de espelhos, nos víamos multiplicados em umas 40 imagens. Eu parei de escutar o som da furadeira que vinha da rua, enquanto fazia carinho no lado direito do seu rosto. Meu olho entrou no dele e se perdeu, e desde então parece que ficou por lá. Ele pegou no chão um pequeno pedaço de espelho quebrado e me deu. Escreveu atrás: o teu olhar. E eu voltei olhando os meus olhos em cada ponto que ônibus parava, e lembrava dos olhos dele. São calmos. Já não queria mais abortar e agora queria parir. Mande a mensagem: só queria gritar, mas não tinha ninguém em casa, Estou apaixonada, e não quero nada a mais que isso. E dormi novamente, aliviada como se tivesse gritado isso pela janela. Nas paredes da minha cabeça ecoavam as vozes de Gal e Bethânia. Livre para amar, livre para amar, livre para amar.

Carlos Mejueiro

Maiakóvski de Boteco

anarquista de butique
meia boca metaleiro
ozzy bozo beatnik
idiota por inteiro
maiakóvski de boteco
enche a cara
por completo
analfabeto
sem caráter
salta-pocinhas
o dia inteiro
vive de bolsa
da mulher gentil
industrializa seu passado fabril
traduz sua afasia
sem saber
a língua
do poema
a linguagem
da poesia
maiakóvski de boteco
enche a cara
e solta o verbo
vira vira vira
vinho barato
virou
vinagre midiático
e a revolução?
com a pinga de parati
esqueceu-a no balcão
maiakóvski de boteco
enche a cara
e dá um treco

Frederico Barbosa

Nota: Os fatos e acontecimentos retratados no livro *Fábrica de Carapuças* são fictícios. Qualquer semelhança com pessoa viva ou morta é mera coincidência. Toda identificação é desautorizada pelo autor e será considerada construção do leitor.

Apresentação

Sem rodeios digo-lhes:
poesia não é apenas maestria da beleza
tão pouco só estandarte da nobreza

Não só ela como a arte
não são só cestas de antologias,
mas em tempos de tristeza
também carregam a ontologia da pobreza.

Senhoras e senhores
sem espanto lhes digo:
nossos tempos são de perigo.

Mas o perigo grita distante
dos nossos meios convencionais:
do Leblon, da TV e dos Jornais.
O perigo vem da miopia
e da ilusória estabilização das mazelas sociais.

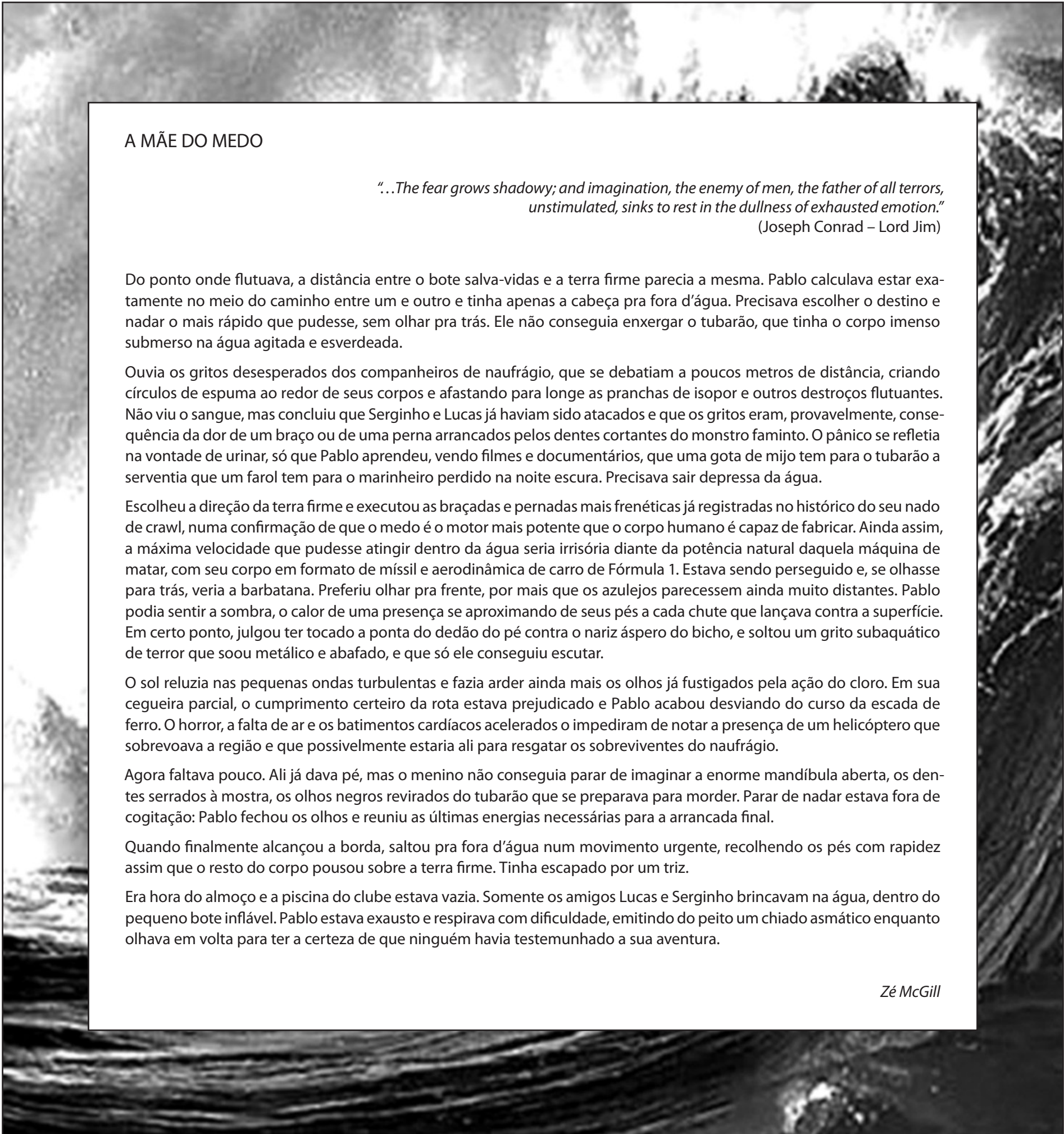
Vivemos em tempos de guerra,
em tempos de guerra, a arte também
é estandarte, espada e broquel
daqueles que do nosso silêncio,
são mutilados de maneira cruel.

Bato o pé em marcha
em direção da denúncia do marginal.

Abro a boca em versos,
não arredio e nem me calo.
A arte não tem boca
e por isso não se cala.

Senhoras e senhores:
marginais não são os textos
somos nós em silêncio.

Guilherme Costa



A MÃE DO MEDO

"...The fear grows shadowy; and imagination, the enemy of men, the father of all terrors, unstimulated, sinks to rest in the dullness of exhausted emotion."
(Joseph Conrad – Lord Jim)

Do ponto onde flutuava, a distância entre o bote salva-vidas e a terra firme parecia a mesma. Pablo calculava estar exatamente no meio do caminho entre um e outro e tinha apenas a cabeça pra fora d'água. Precisava escolher o destino e nadar o mais rápido que pudesse, sem olhar pra trás. Ele não conseguia enxergar o tubarão, que tinha o corpo imenso submerso na água agitada e esverdeada.

Ouvia os gritos desesperados dos companheiros de naufrágio, que se debatiam a poucos metros de distância, criando círculos de espuma ao redor de seus corpos e afastando para longe as pranchas de isopor e outros destroços flutuantes. Não viu o sangue, mas concluiu que Serginho e Lucas já haviam sido atacados e que os gritos eram, provavelmente, consequência da dor de um braço ou de uma perna arrancados pelos dentes cortantes do monstro faminto. O pânico se refletia na vontade de urinar, só que Pablo aprendeu, vendo filmes e documentários, que uma gota de mijo tem para o tubarão a serventia que um farol tem para o marinheiro perdido na noite escura. Precisava sair depressa da água.

Escolheu a direção da terra firme e executou as braçadas e pernadas mais frenéticas já registradas no histórico do seu nado de crawl, numa confirmação de que o medo é o motor mais potente que o corpo humano é capaz de fabricar. Ainda assim, a máxima velocidade que pudesse atingir dentro da água seria irrisória diante da potência natural daquela máquina de matar, com seu corpo em formato de míssil e aerodinâmica de carro de Fórmula 1. Estava sendo perseguido e, se olhasse para trás, veria a barbatana. Preferiu olhar pra frente, por mais que os azulejos parecessem ainda muito distantes. Pablo podia sentir a sombra, o calor de uma presença se aproximando de seus pés a cada chute que lançava contra a superfície. Em certo ponto, julgou ter tocado a ponta do dedão do pé contra o nariz áspero do bicho, e soltou um grito subaquático de terror que soou metálico e abafado, e que só ele conseguiu escutar.

O sol reluzia nas pequenas ondas turbulentas e fazia arder ainda mais os olhos já fustigados pela ação do cloro. Em sua cegueira parcial, o cumprimento certo da rota estava prejudicado e Pablo acabou desviando do curso da escada de ferro. O horror, a falta de ar e os batimentos cardíacos acelerados o impediram de notar a presença de um helicóptero que sobrevoava a região e que possivelmente estaria ali para resgatar os sobreviventes do naufrágio.

Agora faltava pouco. Ali já dava pé, mas o menino não conseguia parar de imaginar a enorme mandíbula aberta, os dentes serrados à mostra, os olhos negros revirados do tubarão que se preparava para morder. Parar de nadar estava fora de cogitação: Pablo fechou os olhos e reuniu as últimas energias necessárias para a arrancada final.

Quando finalmente alcançou a borda, saltou pra fora d'água num movimento urgente, recolhendo os pés com rapidez assim que o resto do corpo pousou sobre a terra firme. Tinha escapado por um triz.

Era hora do almoço e a piscina do clube estava vazia. Somente os amigos Lucas e Serginho brincavam na água, dentro do pequeno bote inflável. Pablo estava exausto e respirava com dificuldade, emitindo do peito um chiado asmático enquanto olhava em volta para ter a certeza de que ninguém havia testemunhado a sua aventura.

Zé McGill

DOBRADINHAS

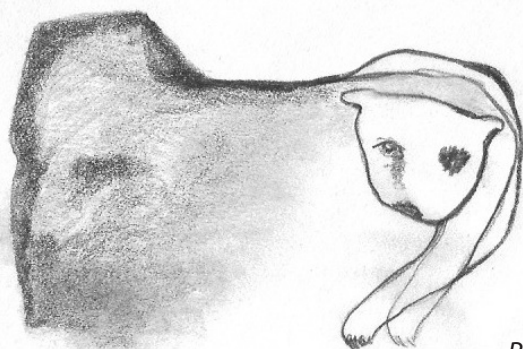
por ALICE SANT'ANNA & GREGÓRIO DUVIVIER

conheci A. na gávea fica lá no alto depois
do posto BR dizíamos para os taxistas e para
os curiosos parece que a gente cresceu na mesma
casa às vezes eu penso que nossos pais se parecem
,
um dia A. foi lá em casa e tocava dream
a little dream of me no macbook velhinho você
pousou a planta dos seus pés no peito dos meus
pés e a gente ia pra lá e pra cá isso foi o ponto
alto dos meus anos dois mil e pouco não sei
o ano exato mas sei que era domingo porque são tão
poucos os domingos que prestam tão poucos.
,
passaram-se alguns anos não sei se três ou sete
mas sei que era na gávea mas agora embaixo
da gávea e no alto da casa do lolô a gente subiu
no barranco e eu disse parece que a gente tá
esperando alguma coisa e você disse é a fera
e eu que fera? e você na selva mas talvez tenha
sido eu ou talvez ninguém tenha dito nada e eu esteja
inventando isso deliberadamente é um direito meu
,
hoje a gente é amigo de verdade a tal ponto que
a gente se desenha sem se preocupar se vai
ficar bonito ou parecido de vez em quando
alguém esbarra na fera sem querer (querendo?)
e vê que na verdade não passa de um gato laranja
daqueles que não arranham mas também não fogem
só tem que tomar cuidado com a janela aberta
.

Gregório Duvivier

no sonho se bem me lembro
você me mostra a sua casa nova
uma casa no alto gávea toda branca sem móveis
sem mesa ou cama sem janela nem banheiro
uma casa toda recortada em retângulos
nas paredes e no chão com muitos andares
no sonho não precisa ter cama
porque em sonho não se dorme nem se sente
fome no sonho você se prepara e pula
para o andar de baixo
mas logo antes ajeito o seu cabelo
e esse movimento que não era esperado
faz com que você caia e bata a cabeça na quina
é um sonho mas no sonho você se machuca
a mão na cabeça e a expressão de dor
quando tira a mão há um buraco
um furo na cabeça perto da orelha
de onde não sai sangue ou galo
ficamos sem saber se o furo na cabeça é melhor
que hematoma hemorragia qualquer coisa
para curar a falta de assunto te digo
vi um filme durante o carnaval
enquanto vez ou outra olhava pela janela
pra ver gente passando tanta gente
numa espécie de sonho só que bem mais improvável
que o sonho do buraco na cabeça
no filme te digo a personagem
de tão elegante beira o detestável
uma mulher sozinha que leva para passear
o seu olhar assustado
no filme ou no sonho te pergunto se a memória
é algo que se tem ou que já se perdeu

Alice Sant'Anna



Raissa Degoies

Heroico

não um homem de Homero — plano —
mas um Aedo a cantar meus feitos
não ter Musas, ter desenganos
ter direito ao que está no peito
não importa ser de guerreiro
importa que seja de humano

ser um homem mais mundano
amar eu mesmo do meu jeito
buscar em mim o próprio plano
plano que é meu — só meu — direito
recusando de Zeus o trejeito
recusando todo o inumano

viver — construindo meus defeitos
morrer — destruindo meus enganos

Alexandre Bruno Tinelli

O Homem-Peixe

Pulou para fora do aquário
Rastejou-se no carpete
Procurou um mar imaginário
Sem que ninguém soubesse.

Rolou da escada
Querendo alcançar a rua
Chegou até a escada
Saiu embaixo da chuva.

Seguiu pegadas
Deixou vestígios
Descamou-se em estradas
De delírio.

Atravessou pistas
Chafurdou na lama
Prejudicou as vistas
Machucou as barbatanas.

Mergulhou em poças
Refugiou-se no cais do porto
Esbarrou em louças
Sem nenhum conforto.

Buscou um barraco
Um pedaço de vitrine
Uma peça de teatro
Um roteiro de filme.

Um conto
Uma canção
Ficou sem ponto
Sem noção.

Nada encontrou
Nem mesmo um tema
Só se encaixou
Neste poema

Marcio Rufino

Vazio

Ter-me-ia sido,
talvez,
nem direi mais que talvez,
menos difícil
essa custosa vida
de grilhões...

se tudo tivera acontecido
antes de perder minha mãe,
antes de envelhecer
e perceber
tropeços na degeneração da minha
ferrugem cálcica.

Ainda antes de cair,
tentei...

Agarrei falso
(nômade e errado)
num frágil,
absorto, inócuo, indeciso
corrimão de papel.

Renato Augusto Farias de Carvalho

CLIQUE AQUI

<http://www.radiobatuta.com.br/>

O site da Rádio Batuta, do Instituto Moreira Salles, oferece a qualquer visitante ensaios, documentários, playlists, além de homenagens a artistas do presente e do passado, principalmente relacionados à música – e, embora não se restrinja a falar apenas da música nacional, o engajamento em abordá-la com profundidade e respeitando a sua variedade constitui a grande riqueza do site.

Vale o clique!

**Siga-nos também no
Twitter e Facebook**



De quanta terra precisa um homem?

Deparei-me com a pergunta *de quanta terra precisa um homem* durante a leitura de *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, de Yi-Fu Tuan. O geógrafo sino-americano, ao citar o título do conto de Tolstói, afirma não ser esta uma resposta simples de responder, já que, para os seres humanos, além de uma necessidade biológica, o espaço é também uma necessidade psicológica, um requisito social e até mesmo um atributo espiritual, pois o espaço como recurso é uma apreciação cultural, e o cultural implica o simbólico. Contudo, o autor não explicita a resposta do escritor russo, e só me restou procurar o conto. A altas horas da noite, em que lugar? Ou seria em que espaço? No Google, é evidente, o site de busca que leva o nome do número formado pelo dígito 1 seguido de cem zeros, ou, em forma de potência, o número 10 elevado a 100. A magnitude ou o ilimitado infinito foi, portanto, a ideia subjacente à escolha dos criadores do site.

Encontrei o conto no blog *Homo Literatus: um blog para tarados por literatura*, e ao final da leitura “sete palmos de terra” é a resposta à pergunta. Não contive o riso diante de minha falta de perspicácia de leitura, já que o contexto em que o conto é mencionado discorre justamente sobre o *potencialmente ilimitado anseio ultrabiológico de espaço – e que rapidamente assume a forma deturpada da cobiça – das sociedades ocidentais capitalistas*. Ri ainda por ser a expressão “sete palmos de terra” uma imagem comum para designar o espaço ou lugar final do homem, como bem reza o *revertere ad locum tuum* às portas dos cemitérios.

O meu riso, no entanto, nada tem a ver com a qualidade do conto, cuja construção narrativa prende o leitor até o final e, simbolicamente, constrói uma imagem espacial que justifica sua citação no livro em questão. Foi a constatação de ter sido surpreendida pelo desfecho que me colocou em situação risível diante de mim mesma. Em outras palavras, minha pretensão de ser boa leitora mostrou-se falível, falha agravada pelo não conhecimento do conto russo. O meu riso, portanto, levou-me à consciência da sempre necessária autocritica acerca de nossas pretensões particulares, e lembrou-me das palavras de Foucault em seu *Prefácio ao As palavras e as coisas*, em que afirma ter nascido o mencionado livro do riso que lhe provocou a leitura de um texto de Borges.

*Do riso que perturba todas as familiaridades do pensamento – do nosso: daquele que tem nossa idade e nossa geografia – abalando todas as superfícies ordenadas e todos os planos que tornam sensata para nós a profusão dos seres, fazendo vacilar e inquietando, por muito tempo, nossa prática milenar do Mesmo e do Outro.*¹

O riso, sem dúvida, nos torna conscientes das diferenças entre nosso modo de pensar o mundo e o de outras culturas. E nada mais verdadeiro, como se constata no cenário geopolítico atual, em que o riso desencadeia uma inominável violência em nome de verdades e concepções filosófico-religiosas. Refiro-me aos atentados terroristas de 2015, em Copenhague: um contra um centro cultural e o outro contra uma sinagoga. Segundo a notícia, tudo leva a crer tratar-se de mais uma vingança de cunho religioso praticada por adeptos do islamismo, já que no centro cultural estava programado o debate “Arte, blasfêmia e liberdade de expressão”, cuja organização a cargo do cartunista sueco Lars Vilks, *lembrava as vítimas do jornal francês satírico “Charlie Hebdo”*.²

//

Na cultura ocidental o riso continua a ser objeto de reflexão de diferentes áreas do conhecimento...

//

A associação entre riso e religião e blasfêmia levou-me a pensar a diferença ocidental. E lembrei-me de um verso de Homero: *Gargalhada sem fim tomou os deuses venturosos...*

A notícia dos atentados e o verso da *Iliada* (I, 599) conscientizaram-me de quão inusitado é pensar o “riso dos deuses” em nossos dias, o que me levou a um longo artigo sobre o riso na cultura ocidental, mas cuja extensão foge aos limites desta coluna. O riso, contudo, não é mais um atributo de Deus nas principais religiões monoteístas contemporâneas; e o rir-se deles é uma blasfêmia. Oriunda do grego (*blasphemía*), esta palavra chegou ao português via latim (*blasphemia*), e em ambas as

línguas antigas possuía uma conotação ligada ao religioso: “palavra de mau agouro”; “palavra ímpia”. Logo, em termos linguísticos, retratar a divindade de maneira risível ou cômica, quer por palavras (chiste, piadas) quer por caricaturas, constitui uma impiedade, uma blasfêmia. Para os antigos romanos, como atestam as palavras ‘ímpio’ e ‘mau augúrio’, blasfemar atraía desgraças.

Distante estamos do paganismo greco-latino, mas da concepção filosófica do sagrado e do divino, que substituiu a mitológica, nem tanto. Conceitos ligados ao campo de pensamento sério, tal como o do Ser, não admitiam derrisão. Por quê? Porque o Ser imutável não pertence ao mundo das aparências, ao mundo das ilusões. Ora, *ilusio*, -onis, que nos deu “ilusão”, e em sua primeira acepção no latim significa “objeto de mofa”; “zombaria”, linguagens pertinentes a meras aparências transitórias e não, ao Ser ou a Deus.

Na cultura ocidental o riso continua a ser objeto de reflexão de diferentes áreas do conhecimento, e a Psicologia é um significativo exemplo. Muitos pensadores modernos e contemporâneos teorizaram a questão. Foge ao escopo desta reflexão comentar tais teorias. Retomo apenas as palavras de Foucault acima citadas – pois o riso, sem dúvida, nos torna conscientes das diferenças entre nosso modo de pensar o mundo e o de outras culturas. E concordo ainda com Leandro Konder, que postula ser o humor e, portanto o riso, um agente que desmistifica a ideologia dominante, o que lhe confere um papel emancipador, libertário e inovador.³ Ele pode, contudo, se não for eticamente usado, tornar-se um instrumento destrutivo e violento.

E eis-me de retorno à cinzenta realidade do cenário contemporâneo e, diante de notícias como a supracitada no jornal, lembrei-me da crônica de Carlos Drummond de Andrade, *Reflexões sobre o fanatismo*,⁴ a cuja leitura remeto o leitor, por sua pertinente atualidade e lucidez. Nela o poeta aborda o fanatismo em diferentes aspectos, além do religioso *stricto sensu*, numa lúcida reflexão sobre nossa época. Transcrevo aqui tão somente o tópico frasal com que o poeta inicia sua crônica:

Não é fácil decidir se nossa época se caracteriza pelo excesso ou pela mingua de crença.

Reitero o convite à leitura da crônica drummoniana, e concluo com as duas máximas da cultura grega, sempre válidas: *Conhece-te a ti mesmo. Nada em excesso.*

¹ FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, Tad. Selam TannusMuchail. SP: Martins Fontes, 2002.

² Jornal O GLOBO: 15.2.2015

³ Konder, Leandro. *Barão de Itararé: o humorista da democracia*. (1983) SP: Editora Brasiliense.

⁴ CDA. *Prosa seleta. Crônicas/Passeios na Ilha*. RJ: Editora Nova Aguilar S.A., 2003.

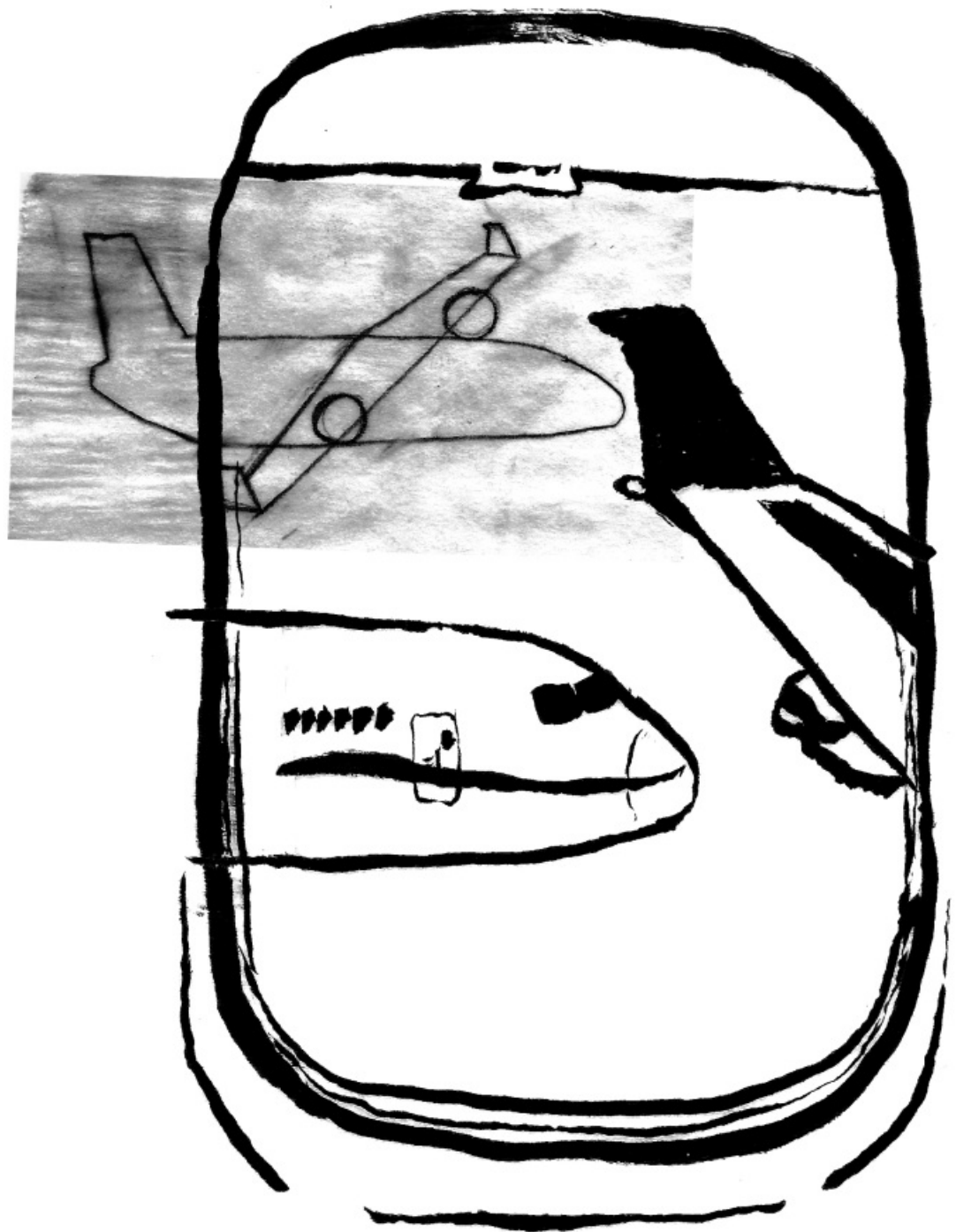
Dois aviões

o foda, quando se encontram
dois aviões, é a dificuldade
de mudarem suas rotas

não o fosse,
passarinhos seriam,
voando em bando

(que também são foda)

Santiago Perlingeiro



Pedro Zylbersztajn

Organo
Gramma
— livros —

PUBLIQUE SEU LIVRO

POESIA NOVELA CONTO HQ ARTE ENSAIO

ROMANCE BIOGRAFIA ZINE DISSERTAÇÃO

Publique com a OrganoGramma Livros! Saiba mais em: www.organogramalivros.com.br